

A RELAÇÃO ENTRE SENTIDO E SINTAXE NOS PERÍODOS COMPOSTOS: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Ester de Sousa Reis ¹

Lisandra Sousa Santos ²

Vitória Santos Paixão ³

Daniela Jaqueline Tôrres Barreto ⁴

RESUMO

Este artigo explora a relação entre sintaxe e semântica nos períodos compostos da Língua Portuguesa, analisando de que forma diferentes estruturas sintáticas influenciam a construção do significado. Dessa maneira, o problema investigado está na variação de interpretação causada pela forma como os elementos são organizados e pelos conectores utilizados, o que influencia diretamente a competência leitora e escritora dos alunos do Ensino Fundamental. Assim, tendo como objetivo demonstrar de qual modo a articulação entre sintaxe e semântica impacta a compreensão textual, destacando casos específicos, como, por exemplo, sentenças coordenadas adversativas e subordinadas concessivas, dentre outras, nas quais a escolha dos conectores altera significativamente as relações lógico-discursivas. A metodologia adotada combina o método qualitativo, ao investigar fenômenos linguísticos em profundidade; a abordagem analítica, na medida em que analisa exemplos concretos para compreender os aspectos da construção do significado; sendo realizada a pesquisa de campo com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas das cidades de Estreito-MA e Porto Franco-MA, envolvendo a aplicação de estratégias didáticas no ambiente escolar. Nesse contexto, foram desenvolvidas atividades como reescritas de períodos compostos e produção textual orientada, possibilitando uma experiência prática da interdependência entre sintaxe e semântica. Os resultados indicam que a conscientização sobre os efeitos semânticos da estruturação sintática contribui significativamente para o desenvolvimento da proficiência linguística, permitindo aos estudantes maior clareza, coesão e coerência na leitura e na produção de textos. A fundamentação teórica baseia-se em autores como Travaglia (2003), Bechara (2006), Neves (2004), Mateus et al. (1983), Franchi (1991) e Ferrarezi Júnior (2009), dentre outros, cujas contribuições foram essenciais para a compreensão da interação entre estrutura e significado na Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Semântica, Sintaxe, Períodos compostos, Ensino de Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

A relação entre sintaxe e semântica ocupa um lugar de destaque nos estudos linguísticos, sobretudo no que diz respeito aos períodos compostos da Língua Portuguesa. Isso ocorre porque a organização e a articulação das orações interferem diretamente na

¹ Graduanda do Curso de letras da Universidade Estadual - MA, ester.reis@uemasul.edu.br;

² Graduanda do Curso de letras da Universidade Estadual - MA, lisandra.santos@uemasul.edu.br;

³ Graduanda do Curso de letras da Universidade Estadual - MA, vitoria.araujo@uemasul.edu.br;

⁴ Professor orientador: Doutora em Linguística e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT; daniela.barreto@uemasul.edu.br



construção do significado, de modo que uma simples escolha de um conector pode alterar a interpretação do enunciado. Diante disso, questiona-se de que maneira as estruturas coordenadas adversativas e subordinadas concessivas evidenciam a interdependência entre forma e sentido, revelando a importância da dimensão semântica nas escolhas sintáticas? Estruturas como essas, focos principais da investigação, constituem exemplos significativos para compreender a interação entre forma e significado. Nesse cenário, compreender a língua exige perceber que a gramática ultrapassa o domínio das regras formais, integrando-se aos processos de produção de sentido em situações reais de uso.

A presente pesquisa volta-se ao estudo da relação entre sintaxe e semântica nos períodos compostos, especificamente períodos compostos coordenados adversativos e subordinados concessivos, tendo como campo de análise turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, de escolas públicas em Estreito-Ma e em Porto Franco-Ma. O objetivo geral consiste em analisar de que maneira diferentes formas de articulação oracional podem modificar a interpretação textual, aspecto fundamental para o desenvolvimento da competência leitora e escritora dos estudantes. Ao priorizar essa abordagem, busca-se superar práticas pedagógicas que se limitam ao ensino da norma gramatical, propondo uma reflexão mais ampla, na qual a língua é compreendida como instrumento de construção de sentidos.

Em síntese, o estudo busca evidenciar que o ensino integrado de sintaxe e semântica pode favorecer uma aprendizagem mais significativa, permitindo que os estudantes reconheçam a língua como um sistema em que forma e significado se complementam. Para isso, a pesquisa de campo combina abordagem qualitativa e analítica, sendo realizada com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas de Estreito-MA e Porto Franco-MA, por meio da aplicação de estratégias didáticas no ambiente escolar. Desse modo, nos próximos capítulos, serão apresentadas a metodologia adotada para a execução da pesquisa e, em seguida, a análise que estabelece um paralelo entre a sintaxe e a semântica, especialmente nos períodos compostos coordenados adversativos e subordinados concessivos, que evidenciam a interação entre forma e significado.

METODOLOGIA

A pesquisa, de campo, de natureza qualitativa e analítica, foi desenvolvida em



quatro instituições de ensino: Colégio Eureka, Unidade Integrada Virgílio Franco, Escola Transamazônico, localizadas em Estreito-MA, e no Colégio Militar 2 de Julho, Unidade XXXI, situado em Porto Franco-MA. Participaram do estudo 170 estudantes do 9º ano do ensino fundamental, turno vespertino.

Segundo José Filho (2006, p.64), “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”, o que justifica a opção pelo contato direto com os alunos. A abordagem qualitativa, conforme Chizzotti (1995, p.79), fundamenta-se na ideia de que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”, reforçando a pertinência da escolha metodológica para compreender as percepções e práticas dos participantes.

O estudo teve como propósito investigar de que forma diferentes estruturas sintáticas influenciam no significado das sentenças em períodos compostos da Língua Portuguesa. Para isso, articulou-se a análise teórica de fenômenos linguísticos com a observação prática em sala de aula, possibilitando compreender como os estudantes percebem e utilizam os efeitos semânticos da organização das orações.

A pesquisa foi orientada por uma sequência didática organizada em seis etapas, que envolveu: diagnóstico inicial, aulas interativas, oficinas de reescrita, produção textual guiada, análise coletiva e avaliação final. Cada etapa, com seus objetivos e atividades realizadas, é detalhadamente apresentada a seguir, na **Tabela 1**, oferecendo uma visão clara do desenvolvimento da sequência didática.

Tabela 1: Sequência didática com atividades desenvolvidas em sala de Aula

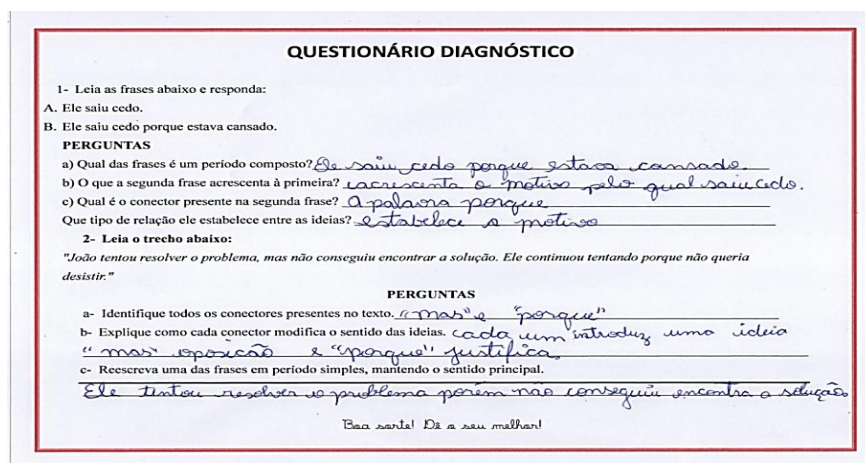
ETAPA	OBJETIVO	ATIVIDADES REALIZADAS
Diagnóstico inicial	Avaliar o conhecimento prévio dos alunos sobre períodos compostos e suas implicações no sentido.	- Apresentação de frases simples e compostas para comparação. <i>Perguntas de reflexão:</i> O que muda na segunda frase? O que ela explica e mais? - Discussão inicial em sala sobre a noção de causa, consequência e oposição entre orações.
Aula interativa Introdução à sintaxe dos períodos compostos	Ensinar conceitos básicos de coordenação e subordinação de maneira lúdica.	- Jogo de “completar frases” com conectivos (mas, porque, embora, então etc.). - Análise de tirinhas e memes: os estudantes identificaram como o uso de conectivos modifica a interpretação dos enunciados.
Oficina de reescrita com foco no sentido	Desenvolver a consciência sintática e semântica ao reescrever frases.	- Reescrita de períodos compostos a partir de frases simples. - Discussão em grupo sobre como a escolha do conector altera a relação semântica (causa, consequência, contraste, concessão etc.). - Comparação entre diferentes versões produzidas pelos alunos.
Produção Textual Guiada	Aplicar os conhecimentos adquiridos na construção de textos coesos e coerentes.	Elaboração de pequenos textos (narrativos, cartas ou crônicas) com orientação para o uso consciente de períodos compostos.
Análise coletiva e reflexão	Refletir sobre como a estrutura frasal influencia o sentido do texto.	- Debate orientado sobre os efeitos de sentido das escolhas sintáticas. - Comparação entre textos que utilizavam conectores distintos para transmitir ideias semelhantes.
Avaliação Final	Verificar o desenvolvimento da compreensão sobre a relação entre sintaxe e sentido.	- Questionário com atividades similares ao pré-teste, mas mais complexas, exigindo reescrita, análise e interpretação. - Análise comparativa entre os resultados do pré-teste e do pós-teste, evidenciando avanços na percepção da relação sintático-semântica.

Fonte: Autoras, 2025



Na primeira etapa, o diagnóstico inicial foi realizado com o intuito de identificar os conhecimentos prévios dos estudantes acerca das estruturas sintáticas e de seus efeitos no significado das sentenças. Dessa maneira, os alunos foram apresentados a frases simples e compostas, cuidadosamente escolhidas para evidenciar diferenças de sentido e relações entre ideias. Para estimular a compreensão das funções sintático-semânticas, foram feitas perguntas de reflexão como: “O que muda na segunda frase?” e “O que ela explica a mais?”. A atividade contou com documentação visual das frases e das respostas dos estudantes, de modo que a **Imagem 2** a seguir ilustra a proposta aplicada em sala.

Imagem 2: Atividade diagnóstica sobre estruturas sintáticas e seus efeitos



QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

1- Leia as frases abaixo e responda:

A. Ele saiu cedo.

B. Ele saiu cedo porque estava cansado.

PERGUNTAS

a) Qual das frases é um período composto? Ele saiu cedo porque estava cansado.

b) O que a segunda frase acrescenta à primeira? acrescenta o motivo pelo qual saiu cedo.

c) Qual é o conector presente na segunda frase? a palavra porque
Que tipo de relação ele estabelece entre as ideias? estabelece a motivação

2- Leia o trecho abaixo:

"João tentou resolver o problema, mas não conseguiu encontrar a solução. Ele continuou tentando porque não queria desistir."

PERGUNTAS

a- Identifique todos os conectores presentes no texto. "mas" e "porque"

b- Explique como cada conector modifica o sentido das ideias. cada um introduz uma ideia
"mas" oposição e "porque" justifica

c- Reescreva uma das frases em período simples, mantendo o sentido principal.
Ele tentou resolver o problema porém não conseguiu encontrar a solução.

Boa sorte! Dê a sua melhor!

Fonte: Autoras, 2025.

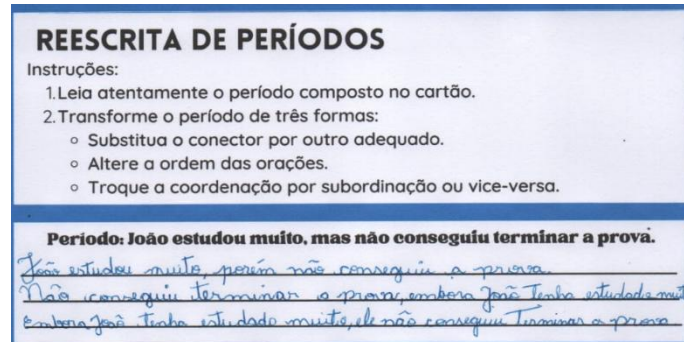
Em seguida, realizou-se uma discussão coletiva, conduzida pelos pesquisadores, abordando noções de causa, consequência e oposição entre orações. Essa interação permitiu que os alunos compartilhassem interpretações, comparassem respostas e reconhecessem padrões de sentido de maneira colaborativa. Observou-se que, embora muitos percebessem diferenças básicas entre as frases, poucos conseguiam explicar explicitamente as relações semânticas, evidenciando a necessidade de aprofundamento nas etapas seguintes da sequência didática.

A segunda etapa consistiu em aulas interativas, nas quais os conceitos de sintaxe e semântica foram retomados por meio de exposições dialogadas, debates e exemplos contextualizados no quadro. Essa escolha teve como objetivo promover maior engajamento e participação ativa dos estudantes, superando o modelo exclusivamente expositivo. Na sequência, conforme ilustrado na **Imagem 3**, observa-se a atividade de



reescrita de períodos compostos realizada pelos alunos.

Imagem 3: Segunda etapa, aula interativa.



Fonte:Autoras,2025.

Já em relação à terceira etapa, tivemos oficinas de reescrita, propostas de atividades nas quais os alunos transformaram períodos compostos, substituindo conectores, alterando a ordem das orações ou variando entre coordenação e subordinação. Essa etapa visou desenvolver a consciência linguística e a percepção dos efeitos de sentido gerados pelas diferentes combinações sintáticas. O trabalho foi realizado individualmente e em grupos, promovendo a cooperação e o diálogo entre pares.

A quarta etapa envolveu a produção textual guiada, na qual os estudantes elaboraram infográficos, além de pequenos relatos, ilustrados na **Imagem 4**, buscando aplicar conscientemente os conhecimentos adquiridos sobre períodos compostos, escolhendo conectores adequados às relações de sentido que desejavam expressar. O acompanhamento docente foi contínuo, com orientações durante o processo de escrita, reforçando a importância da revisão e da reescrita como práticas fundamentais de aprimoramento textual.

Imagens 4 e 5: Produção textual guiada, infográfico.



Fonte: Autoras, 2025.

Na quinta etapa, a análise coletiva foi conduzida a partir da leitura e discussão dos textos dos próprios alunos, incentivando a reflexão crítica e a aprendizagem colaborativa. Essa atividade buscou valorizar as escolhas linguísticas, promover a autoavaliação e estimular a percepção sobre clareza, coesão e possíveis ambiguidades.

Por fim, a sexta etapa, dedicada à avaliação final, consistiu em atividades práticas e reflexivas que retomaram os conteúdos trabalhados em todas as fases anteriores. O objetivo foi verificar a progressão da aprendizagem e a consolidação das competências.

De modo geral, cada etapa da sequência didática cumpriu um papel específico, articulando diagnóstico, exploração teórica, prática orientada e reflexão crítica, de forma a proporcionar aos estudantes uma compreensão mais profunda sobre a relação entre estruturas sintáticas e produção de sentido, não apenas no nível da memorização de regras, mas na efetiva utilização da língua como instrumento de expressão e interação social.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. A INTERAÇÃO ENTRE SINTAXE E SEMÂNTICA NOS PERÍODOS COMPOSTOS

A análise dos períodos compostos evidencia a estreita articulação entre sintaxe e semântica, visto que o modo como as orações se encadeiam determina, em grande medida, a construção do significado. O aprendizado da língua, desse modo, não deve se restringir à memorização de regras, mas envolver a reflexão sobre sua constituição e seu funcionamento, considerando como as estruturas sintáticas se vinculam à produção de sentidos (Travaglia, 2008). Assim, compreender a língua implica reconhecer que a organização sintática e a interpretação semântica são inseparáveis, constituindo elementos centrais para a construção de textos claros e coerentes.

No domínio da coordenação, as orações apresentam-se como entidades autônomas, unidas sem instaurar relações de dependência hierárquica. Nesse sentido, Cunha e Cintra (2001, p. 594) assinalam que tal configuração se estabelece entre orações “independentes, isto é, cada uma tem sentido próprio”, que apenas agregam significados entre si. Diferentemente, na subordinação instaura-se uma relação assimétrica, na qual a oração subordinada depende estruturalmente da principal, conforme destaca



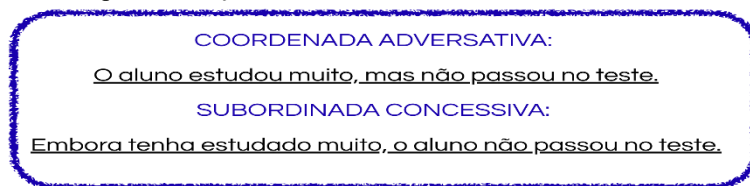
Carone, 1988. Essa oposição revela que coordenação e subordinação não divergem somente em sua arquitetura formal, mas também nos efeitos semânticos que engendram.

A disposição dos constituintes no período composto desempenha papel decisivo na interpretação. Ferrarezi Junior, 2012, problematiza a visão tradicional que concebe a oração principal como geradora das subordinadas, por considerar tal perspectiva limitadora: ao privilegiar a memorização, negligencia o impacto que a ordenação sintática exerce na construção do sentido.

Outro aspecto fundamental reside nos conectores; os de natureza coordenativa, como: *e*, *mas* e *ou* instauram relações simétricas, ao passo que os subordinativos, como: *porque*, *embora* e *quando*, instituem vínculos hierárquicos de dependência. As distinções não se circunscrevem ao plano formal, enquanto a coordenação sugere paralelismo ou progressão, a subordinação expressa causalidade, concessão ou temporalidade. É nesse ponto que Bechara (2001, p. 47) alerta para o “falso paralelismo” entre os dois processos de junção. Pois, embora ambos articulem orações, operam de modo estrutural e funcionalmente distinto, assim, na coordenação predomina a independência; na subordinação, a dependência é constitutiva.

A diferença torna-se mais evidente ao se contrastarem as construções, como apresenta a **Imagem 1**:

Imagem 1: Exemplos de orações coordenadas adversativas e subordinadas concessivas



FONTE: Autoras, 2025

Na primeira, a adversidade é marcada pelo conector coordenativo, *mas*, instaurando contraste entre duas orações autônomas. Na segunda, a oração subordinada concessiva (*Embora tenha estudado muito*) estabelece hierarquia, com o estudo do aluno assumindo caráter acessório. O efeito semântico é mais matizado, pois a adversidade surge como condição reconhecida, porém insuficiente para alterar o desfecho.

Nessa perspectiva, a sintaxe deve ser apreendida em constante diálogo com a semântica. Nesse viés, Othero (2014, p. 155) define a sintaxe como “o estudo da organização das palavras em unidades superiores, mas ressalta que é a semântica que



impõe restrições e orienta a plausibilidade das combinações”. Por conseguinte, a análise de períodos compostos não pode ser reduzida apenas a esquemas formais, ela precisa evidenciar a força interpretativa que coordenação e subordinação exercem no tecido discursivo.

A interação entre sintaxe e semântica demonstra, assim, que a escolha entre coordenação e subordinação, a ordenação dos constituintes e a seleção dos conectores, extrapolam o âmbito estrutural, configurando-se como recursos essenciais na elaboração do sentido.

2. O PAPEL DOS CONECTORES NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

Os conectores desempenham um papel fundamental na organização do discurso, pois funcionam como recursos linguísticos que orientam a progressão textual e a interpretação das ideias. Mais do que simples elementos de ligação, eles estruturam relações lógicas entre as orações e possibilitam que o interlocutor compreenda as intenções comunicativas do locutor de maneira clara e coerente.

Na tradição gramatical, os conectivos são definidos como termos que unem proposições. João Ribeiro (1897, p. 266) já indicava que “elementos como, mas, e ou estabelecem relações de adição, oposição ou alternância entre enunciados”. Essa abordagem evidencia a função estrutural dos conectores, embora não contemple completamente suas implicações discursivas e semânticas.

A abordagem contemporânea, por sua vez, considera os conectores como verdadeiros sinalizadores discursivos. Eles indicam manobras realizadas pelos falantes em função da situação de ação em que se encontram, garantindo que as intervenções sejam adequadas e completas. A escolha de um conector não é neutra: ela revela estratégias comunicativas e delimita os caminhos possíveis para a interação.

A distinção entre conectores coordenativos e subordinativos evidencia seu impacto na interpretação. Os coordenativos: como, mas e ou, unem orações independentes, sugerindo relações simétricas. Já os subordinativos, por exemplo, embora e porque, estabelecem dependência entre orações, criando hierarquia sintática e semântica. Essa diferença é evidente nos exemplos:

- Estava chovendo, logo, levei o guarda-chuva.



- Estava chovendo, embora tenha levado o guarda-chuva.

Na primeira sentença, o conector *logo* estabelece relação de causa e consequência, enquanto na segunda, *embora* indique concessão, marcando contraste entre expectativa e fato; a substituição do conector altera significativamente o sentido do enunciado, evidenciando seu impacto na construção do discurso. No âmbito educacional, é fundamental que o ensino dos conectores vá além da memorização de regras. Franchi (1991) enfatiza a importância de diagnosticar detalhadamente a realidade linguística dos alunos para ampliar suas experiências e hipóteses gramaticais, favorecendo uma gramática cada vez mais rica e operativa, o que evidencia que o ensino deve promover a construção de sentido e a competência discursiva dos estudantes.

Essa abordagem evidencia que o ensino de conectores deve promover a construção de sentido e a competência discursiva dos alunos. Além disso, Neves (2000) observa que, ao apresentar a classe das conjunções coordenativas, considera apenas as aditivas, adversativas e alternativas. Essa classificação reforça a importância dessas formas na organização lógica do discurso e na análise sintática e semântica dos períodos compostos.

A escolha de um conector envolve também a negociação de sentidos com o interlocutor, conforme as condições específicas de interação. Essa dimensão pragmática evidencia que seu uso ultrapassa o plano normativo da gramática, estando diretamente ligado às estratégias comunicativas adotadas.

Portanto, os conectores devem ser compreendidos como recursos de articulação textual e discursiva que contribuem para a coerência, a clareza e a progressão do discurso. Reconhecer seu papel não apenas estrutural, mas também semântico e pragmático, possibilita uma abordagem mais reflexiva e crítica do ensino de gramática, centrada na produção de sentido e não somente na classificação formal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados evidenciou avanços expressivos na compreensão e na aplicação das relações entre sintaxe e semântica pelos estudantes participantes. Ao longo das etapas da sequência didática, observou-se uma evolução progressiva na habilidade de identificar, explicar e empregar conscientemente diferentes estruturas sintáticas com



vistas à produção de efeitos de sentido.

No diagnóstico inicial, verificou-se que a maioria dos alunos reconhecia diferenças estruturais entre as frases simples e compostas, porém demonstrava dificuldades em explicitar as relações semânticas estabelecidas entre as orações. Essa limitação inicial revelou uma lacuna entre o reconhecimento formal das estruturas e a compreensão funcional de seus usos no discurso.

Durante o desenvolvimento das aulas interativas e das oficinas de reescrita, essa distância entre forma e sentido foi gradualmente superada. A abordagem dialógica e a prática de transformação de períodos compostos contribuíram para os estudantes perceberem o papel dos conectores e das relações de subordinação e coordenação como mecanismos de organização lógica e expressiva da linguagem. Tal progresso refletiu não apenas uma assimilação teórica, mas também a internalização de práticas de análise e de reflexão linguística.

As produções textuais guiadas constituíram um marco importante nesse processo de aprendizagem. Inicialmente, os textos apresentavam construções mais simples e pouco articuladas, predominando períodos curtos e uso restrito de conectores. À medida que as atividades avançaram, os alunos demonstraram maior domínio sobre as possibilidades combinatórias da língua, experimentando estruturas mais complexas e diversificadas. Essa mudança evidenciou o fortalecimento da competência linguística e discursiva, especialmente no que diz respeito à coesão e à adequação das estruturas às intenções comunicativas.

Na etapa de análise coletiva, a socialização dos textos e os debates em grupo revelaram-se fundamentais para a consolidação dos aprendizados. O confronto entre diferentes interpretações permitiu que os estudantes refletissem criticamente sobre suas próprias escolhas linguísticas, compreendendo com mais clareza a relação entre a estrutura sintática, o texto e seus efeitos de sentido. Essa experiência dialógica reforçou a importância do trabalho colaborativo na construção do conhecimento linguístico e na ampliação da consciência metalinguística.

A avaliação final indicou uma consolidação significativa das competências desenvolvidas. A maioria dos alunos demonstrou capacidade de reconhecer e empregar adequadamente os conectores mais usuais, distinguindo com maior segurança as relações de causa, consequência, oposição e adição. Ainda assim, persistiram algumas dificuldades



pontuais, sobretudo no uso de conectores menos recorrentes e na diferenciação entre orações subordinadas adverbiais de causa e de consequência, o que aponta para a necessidade de retomadas futuras e aprofundamento contínuo desses aspectos.

De modo geral, os resultados confirmam que a metodologia adotada, articulando teoria, prática e reflexão, mostrou-se eficaz na promoção da aprendizagem linguística significativa. A sequência didática aplicada contribuiu não apenas para o domínio técnico das estruturas sintáticas, mas também para a formação de uma postura crítica diante do uso da língua, compreendida como prática social e instrumento de produção de sentidos. Assim, o estudo reforça a relevância do processo de aprendizagem da língua portuguesa de abordagens que integram análise linguística, contextualização discursiva e práticas colaborativas de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa reafirma a relevância de integrar sintaxe e semântica no ensino da Língua Portuguesa, evidenciando que a reflexão sobre as relações entre forma e significado é essencial para o desenvolvimento da competência linguística e comunicativa dos estudantes. Ao propor um trabalho baseado em sequências didáticas, o estudo contribuiu para o fortalecimento de práticas de ensino que priorizam o uso consciente da língua em contextos reais de produção e interpretação textual.

Mais do que constatar avanços de aprendizagem, a investigação ressalta o potencial de metodologias que articulam teoria e prática, favorecendo uma postura crítica diante do funcionamento da linguagem. Esse enfoque permite que o aluno perceba a língua como um sistema vivo e dinâmico, cujas escolhas estruturais afetam diretamente a construção de sentido e a eficácia comunicativa.

Do ponto de vista da aprendizagem linguística, a experiência reforça a importância de um ensino reflexivo, contextualizado e interdisciplinar, que valorize a análise de usos reais da língua e promova o desenvolvimento da autonomia intelectual. Essa abordagem contribui para ampliar a capacidade de argumentação e a consciência linguística, aspectos fundamentais para a formação cidadã e acadêmica.

Em termos de contribuição científica, o estudo oferece subsídios para novas investigações sobre o ensino da gramática em perspectiva funcional, mostrando que o



diálogo entre sintaxe e semântica pode ser um caminho promissor para aprimorar tanto a leitura quanto a produção textual.

Conclui-se, portanto, que o ensino da interdependência entre estrutura e sentido deve ser compreendido não como mera aplicação de regras, mas como uma prática que forma sujeitos críticos, capazes de utilizar a língua de maneira criativa, precisa e significativa.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Lições de português: pela análise sintática**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CARONE, F. B. **Morfossintaxe**. 2ª ed. São Paulo: Ática/Série Fundamentos, 1988.

CHIZZOTTI, Antônio **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova Gramática do português contemporâneo**. – 3 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERRAREZI JUNIOR, C. **Sintaxe para educação básica**. São Paulo: Contexto, 2012.

FRANCHI, C. et al. O uso das relações semânticas na análise gramatical. In: POSSENTI, S. (org.) **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola

JOSÉ FILHO, Mário; DALBÉRIO, Osvaldo. (Org.). **Desafios da pesquisa**. Franca: Ed. UNESP FHDSS, 2006. Editorial, 2006. p.102-125.

NEVES, Maria H. de Moura. **Que gramática estudar na escola?**/Maria Helena de Moura. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

OTHERO, G. A. Sintaxe. In: SCHWINDT, L. C. (org.). **Manual de Linguística: Fonologia, Morfologia e Sintaxe**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014. p. 155-217.

RIBEIRO João. **Dicionário gramatical**. 3ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves; 1906[1897].

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

